

O DISCURSO E O DIALOGISMO MEDIADO NA PRODUÇÃO ESCRITA A PARTIR DAS CONTRIBUIÇÕES DE VIGOTSKI E BAKHTIN

GALVÃO DA SILVA MORAIS, Ingrid¹

SALVADOR DE NADAI, Simone²

CRISTOFOLETI, Rita de Cassia³

BOMFANTE DOS SANTOS, Záira⁴

Resumo

Este artigo objetiva discutir a produção de textos escritos a partir da teoria Histórico-Cultural e dos estudos da filosofia da linguagem. O texto aborda concepções de linguagens diferentes e a produção escrita vista como uma prática social e discursiva. No decorrer, o texto caminha para um diálogo entre a teoria de Vigotski, que enfatiza a mediação sociocultural no desenvolvimento cognitivo, e a função do diálogo na construção do conhecimento e na expressão das múltiplas vozes do processo de aprendizagem de Bakhtin.

Palavras-chave: Escrita. Linguagem. Mediação. Discurso.

Introdução

A linguagem é o meio ou instrumento que os falantes de uma língua utilizam para expressar ou comunicar algo a outra pessoa. De acordo com Koch (2012), a linguagem é a capacidade humana de interagir com o meio social por meio de uma língua, de diversas maneiras e com variados propósitos e resultados. Em outras palavras, a linguagem, seja oral ou escrita, pode se manifestar de diferentes formas, dependendo dos objetivos e dos efeitos do que é dito ou escrito.

¹ Mestranda em Ensino na Educação Básica pela UFES. E-mail: ingrid.moraes@edu.ufes.br

² Mestranda em Ensino na Educação Básica pela UFES. E-mail: simone.nadai@edu.ufes.br

³ Doutora em Educação pela UNICAMP e professora do Programa de Pós Graduação em Educação Básica - PPGEED da UFES. E-mail: rita.cristofoleti@ufes.br

⁴ Doutora em Estudos Linguísticos pela UFMG e professora do Programa de Pós Graduação em Educação Básica - PPGEED da UFES. E-mail: zaira.santos@ufes.br

Em seu livro “O texto na sala de aula”, João Vanderley Geraldi (1999, p.34) apresenta três concepções de linguagem, que segundo o autor correspondem a “três grandes correntes de estudos”.

Koch (2012) apresenta a primeira concepção, que é a mais antiga entre as concepções linguísticas, como uma forma de representação do pensamento e do conhecimento humano através da língua. Ou seja, a língua serve apenas para representar o pensamento humano. Essa visão dá ênfase à gramática pura no processo comunicativo. Quando essa concepção é aplicada na escrita de um texto, o autor simplesmente expõe suas ideias no papel, utilizando-se de alguma gramática internalizada, sem considerar se o texto cumprirá seus objetivos ou será compreendido por outras pessoas durante a leitura.

Numa segunda concepção entende-se a linguagem apenas como um instrumento de comunicação, onde se considera a interação entre o emissor e o receptor da mensagem. Segundo Geraldi (2006) e Koch (2012), essa visão trata a língua como um código que apenas transmite a mensagem ao receptor, o qual a recebe de forma passiva. Geraldi (2006) observa ainda que essa concepção é predominante em livros didáticos, manuais de instruções e propostas de produção textual. Ao adotar essa abordagem nas atividades de produção de textos, o professor apenas define o público-alvo para o qual o texto será escrito, mas não atribui ao emissor o papel comunicativo que deveria desempenhar durante a escrita, nem considera o contexto que deve ser levado em conta nesse processo.

A terceira e última concepção considera a linguagem como uma forma de interação, diferenciando-se significativamente das abordagens anteriores. Em contraste com a visão da linguagem como expressão do pensamento ou como meio de comunicação, essa terceira concepção envolve uma interação ativa entre o emissor e o receptor, ambos participando ativamente do processo comunicativo.

Nessa perspectiva, a linguagem torna-se a ponte entre o locutor e o interlocutor, tanto na fala quanto na escrita. Wanderley Geraldi afirma que, na concepção interacionista,

mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. (Geraldi, 2006, p.41)

A partir das reflexões de Geraldi, compreende-se que a linguagem, vista como forma de interação, transcende o simples ato de ler e escrever, englobando a interação entre os participantes do ato comunicativo e o contexto social e cultural em que estão inseridos.

Essa compreensão se baseia nos estudos dialógicos e discursivos de Bakhtin. Segundo ele (Bakhtin, 1997, p. 354), a interação verbal, que possui uma natureza dialógica e social, é a categoria fundamental na concepção da linguagem como um fenômeno social, com marcação ideológica. A partir disso, conclui-se que o enunciado é a unidade de análise dos processos de interação verbal, sendo “a verdadeira unidade da comunicação verbal” (Bakhtin, 1997, p. 295). Ainda, de acordo com o autor, o diálogo, entendido como um processo que vai além da interação face a face, é o elemento central tanto do enunciado quanto da enunciação.

A escrita, tal como qualquer atividade que envolva interação, depende de uma colaboração entre duas ou mais pessoas.

Uma visão interacionista da escrita supõe, desse modo, encontro, parceria, envolvimento entre sujeitos, para que aconteça a comunhão das ideias, das informações e das intenções pretendidas. Assim, por essa visão se supõe que alguém selecionou alguma coisa a ser dita a um outro alguém, com quem pretendeu interagir, em vista de algum objetivo. (Antunes, 2003, p. 44).

A atividade escrita, desse modo é interativa, tendo em vista o fato de que ao escrevermos colocamos algo para fora (expressamos), manifestamos pontos de vista, ideias, crenças, etc., dessa maneira ter o que escrever é uma condição indispensável para que se materialize a escrita. Segundo Irandé Antunes (2003, p. 45) “não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência do “não ter o que dizer”.”

Compreendemos que a produção de textos deve ser vista como uma prática discursiva de interação entre sujeitos, implicando, na sala de aula, um processo de construção conjunta entre aluno e professor. Nesse contexto, o professor, como primeiro interlocutor, leitor e mediador do aprendizado, orienta o aluno na elaboração do texto ou discurso que deseja criar.

No início do século XX, Vigotski (2007) e Bakhtin (1991) reconheceram a natureza dialógica da experiência humana como fundamental para a compreensão e transformação da realidade. Na relação educativa, que é, por excelência, um espaço de diálogo, os conhecimentos e habilidades sociais são construídos por meio de um

processo de interação que envolve encontros e confrontos de ideias. Esse processo é marcado por um movimento polifônico, ou seja, um movimento formado por muitas “vozes”, onde as posições enunciativas entre educadores e educandos são vistas como acontecimentos singulares e incertos, tendo um impacto decisivo na apropriação subjetiva das construções culturais, sejam elas científicas, artísticas ou derivadas da experiência.

Bakhtin materializou esse processo de interação usando a imagem da ponte em que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (Bakhtin/Volochinov, 2014, p.113).

Para esse autor, a riqueza do processo de constituição dos enunciados dos interlocutores é resultado da força enunciativa da linguagem, que reflete a divergência nos sentidos expressos pelos agentes. A mediação, portanto, é o campo de tensão entre esses enunciados, atuando na construção do vínculo que a ponte simboliza.

Já Vigotski, concluiu, através de suas investigações, que na situação educativa existe uma relação assimétrica entre um aprendiz e a fonte do conhecimento que ele busca, seja através de pessoas mais experientes, objetos culturais ou instrumentos de trabalho, revela uma diferença entre as habilidades já adquiridas e aquelas desenvolvidas pelo grupo social. O autor, ao perceber essa diferença, introduz a necessidade teórica de um conceito essencial: uma zona intermediária entre o que o grupo social já desenvolveu coletivamente como potencial em cada indivíduo e o que o aprendiz já possui como habilidade desenvolvida. Esse conjunto de habilidades já desenvolvidas, ou “o que [as pessoas] conseguem fazer por si mesmas”, é denominado por Vigotski como “nível de desenvolvimento real” (Vigotski, 1998, p. 117), um termo amplamente utilizado nas investigações de sua época.

Os diferentes pontos de vista, ideologias, valores e concepções de mundo dos sujeitos, situados em contextos sócio-históricos, se materializam por meio dos textos. Por isso, o texto é considerado, por natureza, um objeto histórico e dialógico.

Neste contexto, o termo “texto” é utilizado como sinônimo de “enunciado” (Bakhtin, 2011). Essa concepção se fundamenta na ideia de que o texto representa a materialização de um discurso sob a forma de um gênero (que pode ser verbal, não

verbal ou sincrético). Portanto, o texto é essencialmente dialógico, direcionado a um destinatário — ainda que seja um “perfil” de leitor —, caracterizado por uma conclusibilidade específica, associada à alternância entre os sujeitos da interação, e “preenche” de respostas, conforme as características do enunciado definidas por Bakhtin (2011).

Assim, o objetivo deste estudo é demonstrar como a escrita, entendida como uma atividade discursiva e dialógica, é mediada por fatores sociais, culturais e históricos. Também destaca a importância de entender a produção textual como uma prática interativa que demanda tempo, mediação adequada e consideração do contexto social e dos interlocutores envolvidos.

O presente trabalho visa articular uma reflexão sobre como essas concepções influenciam no ensino e na prática da produção textual, sobretudo no contexto escolar, sugerindo uma abordagem que vá além da transmissão de regras gramaticais, possibilitando uma escrita mais consciente e dialogicamente significativa.

1 A produção escrita em sala de aula sob a perspectiva Histórico-Cultural vigotskiana

Produzir um texto escrito não depende unicamente do ato de escrever. Segundo Antunes (2003, p. 54) está para além de apanhar um lápis, um papel e escrever. A escrita depende de planejamento, de organização do pensamento, da escrita propriamente dita, até alcançar o momento da revisão e da reescrita. É um processo de interdependência e intercomplementaridade entre as diversas fases que resultará na produção textual.

Durante os estudos levantados pelo teórico desenvolvimentista Lev Vigotski, compreendemos que o sistema de escrita se constitui por um conjunto de signos, o qual depende de muito empenho em um treinamento que precisa ter sentido na vida daquele que aprende. Para Vigotski (2007), “a linguagem escrita é constituída por um sistema de signos que designam os sons e as palavras da linguagem falada, os quais, por sua vez, são signos das relações das entidades reais”

A linguagem tem a função principal dentro da perspectiva Histórico-Cultural como um espaço de mediação de signos. Signos estes que são produzidos por um sujeito sócio histórico que vai construindo seu pensamento, dando forma e

concretude por meio da linguagem em um espaço interativo na relação com outro. Assim como a linguagem que recebe os significados que são produzidos no mundo e com o mundo no processo interativo. Marta Kohl Oliveira, ao estudar a aprendizagem através da teoria bakhtiniana, afirma que “a principal função da linguagem é a de intercâmbio social: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagens” (Oliveira, 2002, p. 42).

Para a teoria Histórico-Cultural, a escrita é uma atividade mediada pela cultura, ou seja, adquirida, transferida e transformada pelo meio em que o ser humano está inserido. A escrita se encarrega de desenvolver a memória, a cognição, a consciência, a atenção, a fala, o pensamento, o desejo, a construção de conceitos e emoção, entre tantas outras habilidades mentais. Funções como as citadas anteriormente são nomeadas por Lev Vigotski como Funções Psicológicas Superiores (FPS) (Vigotski, 1925/2004). Essas funções definem o sujeito enquanto humano, pois são habilidades apenas da esfera humana, as quais estão condicionadas, desde o seu nascimento, pelos estímulos do ambiente que influenciam as vivências do indivíduo. As FPS se desenvolveram na história humana por meio de instrumentos que mediam a relação entre o homem e o mundo. E o homem, por sua vez, ao usar o instrumento, o transforma e se transforma diante das necessidades reais de uso.

Ao considerarmos que a escrita é construída ao longo do desenvolvimento de cada indivíduo, destacamos o que Vigotski conceitua como mediação. A mediação é o principal elemento para compreender o desenvolvimento e o funcionamento das FPS, uma vez que o homem não se relaciona diretamente com o mundo, mas que entre eles há instrumentos materiais e psicológicos que intermediam a relação.

O processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível as atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (Oliveira, 2002, p. 33).

Ao nos projetarmos para um processo de produção textual dentro da sala de aula, percebemos que o indivíduo precisa de outros fatores que possam mediar a produção. Sejam eles o professor, atividades com trabalhos de leitura, textos motivadores, imagens, até mesmo o papel, lápis, borracha e/ou qualquer outro instrumento que possibilite a organização de ideias, de escrita do texto propriamente dito.

Para a produção textual escrita, principalmente no início da vida escolar, a figura do professor é imprescindível. Este, no papel de mediador, é quem orienta todo o processo a partir do planejamento e da interação com o estudante. É o professor que também tem a função de desestabilizar o aluno, com o propósito de abalar suas estruturas e transformá-lo noutro indivíduo, promovendo a intervenção entre os elementos em uma determinada relação.

Portanto, a mediação que ocorre entre o professor e o estudante em um processo de escrita é constituída pela interação e colaboração, pois o professor mobiliza condições para que o aluno internalize conhecimentos e habilidades de acordo com suas necessidades para avançar gradualmente na escrita.

2 A produção escrita em sala de aula sob a perspectiva discursivo - enunciativa de Bakhtin

A escrita, em sua variedade de usos, desempenha funções comunicativas específicas e socialmente relevantes, ou seja, a escrita existe com objetivo de cumprir variadas funções comunicativas, de menor ou maior importância social ou não.

O ato de escrever corresponde a um propósito, uma função social, possibilitando, portanto, a concretização de alguma atividade sociocomunicativa que está intrinsecamente ligada aos contextos sociais vivenciados pelas pessoas inseridas nele.

Expressamos nosso pensamento por meio de atos de linguagem, sejam eles orais ou escritos, em correspondência com a diversidade de nossas ações. A comunicação humana é moldada pela situação comunicativa imediata em que as interações ocorrem. Assim, os indivíduos criam enunciados com um sentido completo, baseando-se nos elementos situacionais da comunicação, através da escolha dos temas abordados e das formas de expressão utilizadas.

Ainda que, as situações de comunicação humana possam ser bastante variadas, com os indivíduos produzindo enunciados diferentes em termos de conteúdo, estilo e forma, Bakhtin/Volochínov (2011, p. 262) afirmam que é possível reconhecer que “cada campo de utilização da língua desenvolve seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. Segundo eles, essas formas de produção de

enunciados, que se mantêm consistentes em seus contextos comunicativos e se repetem com certa regularidade, correspondem aos gêneros do discurso.

As construções discursivas se constroem através das variadas comunicações humanas, essas construções mantêm uma certa estabilidade assumindo diferentes formas de acordo com a necessidade do contexto até mesmo quando não se possui uma intencionalidade.

[...] nós falamos por gêneros diversos sem suspeitar de sua existência. Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas (a comunicação cotidiana também dispõe de gêneros criativos). (Bakhtin, 2011, p. 282).

Do ponto de vista enunciativo, os estudos bakhtinianos afirmam que as palavras representam uma luta de classes e manifestam ideologia. Bakhtin/Volochínov (2011, p. 41) destacam que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”. Fiorin (1997, p. 33) complementa que as visões de mundo são indissociáveis da linguagem, pois a ideologia está imersa na linguagem. Assim, todo discurso, oral ou escrito, pode revelar juízos de valor e pontos de vista sobre questões sociais, políticas e culturais.

3 A produção textual uma atividade discursiva e dialógica: implicações teóricas de Vygotsky e Bakhtin

Na interação verbal a linguagem é entendida como um fenômeno social de natureza sócio-histórica, caracterizado pelo diálogo entre dois ou mais indivíduos. No entanto, essa relação dialógica não se resume à concordância mútua, mas envolve, principalmente, a refutação do enunciado anterior e o confronto entre as ideias próprias e as do outro. Para compreendermos o que é a interação na escrita, exploramos alguns aspectos da interação verbal abordados pelos autores: a internalização, conforme a visão de Vygotsky (1988), a mediação, o diálogo, e os mecanismos sociais e interativos.

Segundo Bakhtin/Volochinov, o processo de internalização da consciência ocorre do social para o individual, pois, conforme explicam, "ao exteriorizar-se, o conteúdo interior muda de aspecto, sendo obrigado a se apropriar do material exterior, que possui suas próprias regras, alheias ao pensamento interior" (1992, p.

111). Assim, os autores defendem que é a expressão — ou seja, a exteriorização de um discurso — que organiza a atividade mental do indivíduo, e não o contrário, já que é o contexto social em que o falante está inserido que determina a forma de expressão. Portanto, a linguagem não pode ser vista apenas como uma simples expressão do pensamento, mas sim como uma "roupagem" deste, uma vez que nem sempre expressamos exatamente o que pensamos, pois utilizamos a linguagem em função do outro, do social.

Nesse contexto, Vygotsky é mencionado, alinhando-se com Bakhtin, ao descrever a "internalização como a reconstrução interna de uma operação externa" (1988, p. 63). Assim, ele afirma que a consciência é formada por meio das interações externas ao indivíduo, ou seja, do social para o individual.

Para ampliar o conhecimento adquirido socialmente, Vygotsky afirma que é necessário um tempo de maturação e sedimentação sócio-cognitiva, pois “a transformação de um processo interpessoal em intrapessoal é resultado de uma longa série de eventos ao longo do desenvolvimento” (1988, p. 64). No contexto da escrita tradicional, onde a leitura, a discussão dirigida e a produção escrita ocorrem em uma única aula, em menos de 60 minutos, o aluno passa do processo interpessoal ao intrapessoal, mas não tem tempo suficiente para internalizar o conhecimento e alcançar uma meta-consciência.

Irandé Antunes (2003, p. 59) diz que “[...] a qualidade, por vezes pouco desejável, dos textos escritos por nossos alunos se deve também à falta de oportunidade para que eles planejem e revejam seus textos”.

Na abordagem tradicional, a internalização do conhecimento pelo aluno é superficial, resultando em mera repetição das palavras do professor ou dos textos lidos, sem reflexão ou verdadeira assimilação das ideias. Já na abordagem interacionista, a leitura e a discussão prévias ocorrem por meio da interação entre os indivíduos, promovendo diálogos e a construção de sentidos a partir das diversas vozes presentes, permitindo uma internalização mais profunda e significativa.

A produção textual escrita ocorre em um momento posterior, proporcionando um distanciamento necessário para a internalização do conhecimento. Esse tempo permite que as palavras dos outros amadureçam e se tornem próprias para o escritor, resultando em uma internalização mais sofisticada.

Garcez (1998), com base nos estudos de Bakhtin e Vigotski, discute a importância da mediação do outro para a internalização e a aprendizagem. O

deslocamento do social para o individual influencia as práticas discursivas, sendo que, no ensino da escrita, essa mediação depende da concepção de língua do professor. Como mediador, o professor desempenha um papel primordial ao facilitar a construção de conhecimento e o desenvolvimento de uma atitude responsiva no aluno, além de provocar uma desestabilização que promove a transformação e o crescimento individual.

Na escrita, a mediação ocorre em todas as etapas, desde a leitura, onde o mediador ajuda na construção de sentidos, até as discussões e a produção textual. Segundo Garcez (1998), baseada na perspectiva bakhtiniana, essa mediação pode acontecer entre o texto e o colega ou entre o texto e o professor durante a reescrita, mas não se limita a essa fase, permeando todo o processo de escrita.

Bakhtin/Volochinov (2014) destacam o diálogo como uma das formas mais importantes de interação verbal, definindo-o como toda comunicação verbal, independentemente do tipo. Isso envolve o cruzamento de vozes, a devolução da palavra ao sujeito e a contrapalavra, como menciona Geraldi (1993).

A produção escrita é um exemplo de dialogismo, envolvendo a mediação entre as ideias do autor, seus enunciadores e interlocutores, criando um novo diálogo. Assim, a escrita é um confronto entre várias vozes e o texto, que pode ser reescrito através de intervenções de todos os participantes. Bakhtin/Volochinov (1997) afirma que "o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado pelas intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto do autor quanto de outros autores".

Esses mecanismos e aspectos da interação verbal bakhtiniana - internalização, mediação e diálogo - revelam que a escrita é um processo interativo. Sob a perspectiva sócio-histórica, para produzir um texto, é essencial ter tempo para internalizar e sedimentar o conhecimento, contar com um mediador que facilite o processo, estabelecer um diálogo entre o locutor e o interlocutor, e atender às condições de produção da escrita.

Considerações Finais

Os construtos teóricos sugerem importantes considerações sobre a produção textual como um produto histórico e cultural, com função discursiva. Primeiramente, os aspectos da interação verbal de Bakhtin/Volochinov (2014) e a visão

sócio-interacionista de Vigotski (1998) destacam que a escrita é um processo interativo. Portanto, para escrever efetivamente, é necessário estabelecer um diálogo entre locutor e interlocutores, proporcionar mediação, ter tempo para sedimentar o conhecimento e considerar as condições reais de enunciação definidas pelo contexto social.

Ao discutir a produção textual escrita e suas condições, notamos que, no Brasil, a relação interação-escrita foi abordada por Geraldi (1993) sob a perspectiva bakhtiniana. Geraldi sistematiza as condições de produção do texto com base nos mecanismos sociais e interativos de Bakhtin/Volochinov (2011), destacando que para produzir um texto é necessário ampliar o conteúdo temático através das interações, ter uma finalidade real com função social, definir interlocutores reais e potenciais, ter um produtor engajado e escolher estratégias textuais e discursivas apropriadas.

Portanto, conclui-se a partir das concepções teóricas levantadas nesse artigo que a interação é essencial na produção textual dos alunos, pois toda escrita é direcionada ao outro. O professor, como mediador, deve promover um diálogo entre o texto e o aluno, não apenas corrigindo, mas orientando o aluno para expressar sua intenção de forma adequada. Isso permite que o texto se transforme e a escrita melhore. Assim, na perspectiva sócio-histórica, a prática da escrita integra a interação verbal de Bakhtin e a visão de Vigotski, sendo construída a partir do social, em função do outro e com o apoio de um mediador.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. 8ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. (Valentin Nikoláievitch Volóchinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1997.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **A escrita e o outro**: os modos de participação na construção do texto. Brasília: UNB, 1998.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. Edição 4. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico 4. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. A pré-história da linguagem escrita. *In*: Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

_____. Sobre os sistemas psicológicos. *In*: VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Teoria e método em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Originalmente publicado em 1925).